



Reflexões acerca da experiência de docentes do Ensino Fundamental I com o ensino remoto durante a pandemia de Covid-19

Beatriz de Moraes Ardana, Gabriella Bonadia Martines,
Jaqueline Sales Machado, Letícia Borges Galli
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
São Paulo, 2020



SUMÁRIO

1	Introdução	2
2	Objetivos	4
3	Método	5
4	Resultados e Discussão	6
5	Conclusão	13
6	Referências	15
7	Anexo I	17



1 INTRODUÇÃO

A educação no Brasil tem como principais desafios a qualidade de ensino, a diferença entre o ensino público e privado (falta de democratização da educação) e a valorização do professor (Filho, 2011). No contexto de 2020, para além desses desafios, o mundo foi assolado por uma pandemia causada pelo vírus SARS-Covid-19, até então sem tratamento específico e vacina existente.

Na tentativa de conter o avanço da disseminação da doença e reduzir óbitos e infectados, medidas de saúde pública foram tomadas, entre elas: restrições de atividades comerciais, obrigatoriedade no uso de máscaras e o isolamento social. Nesse contexto, as aulas em instituições obrigatórias de ensino foram pausadas e, nem todas, retomaram o ensino de forma remota. De acordo com o Senado, 58% das instituições de ensino passaram a ter atividades remotas (Chagas, 2020).

Essa nova forma de ensino, também denominada Ensino Remoto Emergencial (Behar, 2020), consiste em utilizar plataformas de encontro digitais, para que os alunos possam ter acesso ao ensino remoto sem precisarem se deslocar de suas residências. Este recurso permite o acesso a aulas de forma síncrona ou assíncrona, a formulários online para realizar avaliações, entregas de atividades por portais, além do uso de aplicativos de mensagens para se comunicar com os professores.

Por um lado, essa situação levou a informatização do ensino, a maior tecnologização e novas maneiras de aprendizado e avaliação estão sendo propostas. Por outro lado, existem questões educacionais inatingíveis pelo ensino remoto, barreiras entre o acesso à educação que levantam uma série de questionamentos a respeito da efetividade do ensino de forma virtual. Todas as escolas estão tendo acesso a mesma qualidade de ensino?

Essas questões, extremamente relevantes para a avaliação do ensino em 2020, foram a motivação do presente trabalho. Para poder analisar de forma mais precisa, foram propostas



entrevistas com professoras de redes pública e particular, para compreender quais são as limitações no ensino remoto, inovações e sua relação com o on-line.



2 OBJETIVOS

Verificar a qualidade da experiência de professores do Ensino Fundamental I com o ensino remoto, em escolas públicas e privadas. Elencar e discutir as principais dificuldades e facilidades, em tempos de pandemia, de um ensino remoto para professores do Ensino Fundamental I de escolas públicas e privadas.



3 MÉTODO

A metodologia eleita para coleta e análise de dados foi a qualitativa, embasada na etnografia escolar. Esta apresentou-se como norteadora da situação já que propõe a "compreensão do ponto de vista do outro, sua relação com a vida, bem como a sua visão do mundo" (MALINOWSKI (1922, p. 25 *apud* Lima, 1996).

Foi realizada uma pesquisa com quatro professores do Ensino Fundamental I, sendo duas de escolas públicas e duas de escolas privadas. A coleta de informações se deu por meio de entrevistas semiestruturadas, com questões norteadoras acerca das experiências vivenciadas pelos professores com o ensino remoto de crianças do Ensino Fundamental I.

As entrevistas foram realizadas através de plataformas de encontros digitais. O conteúdo foi gravado com a permissão das professoras e transcrito pelas aplicadoras. Houveram pequenas alterações nos questionários devido às respostas das participantes. Para proteger a identidade das professoras, substituímos seus nomes originais por iniciais fictícias.

Em um primeiro momento, foram coletadas informações a respeito da instituição de ensino em que as professoras lecionam, qual era o suporte que esta instituição oferecia para as docentes e a caracterização de como se dá o trabalho de forma remota (relação com os alunos, como funcionam as matérias, carga horária, avaliações). A partir disso, foram questionadas sobre aspectos mais subjetivos sobre o educar a distância, além de aspectos mais críticos, como "O que você mudaria no ensino remoto?".

A partir do relato de experiência, as respostas foram selecionadas a partir dos seguintes critérios: incidência do conteúdo relatado (o conteúdo foi relatado por todas as participantes), casos comparados (o conteúdo foi apresentado pelas participantes de escolas particulares e não pelas de públicas, assim como a situação apresentada pela escola pública) e casos isolados (o que cada participante trouxe de maneira relevante e isolada dos outros casos). Com os conteúdos separados, indicou-se qual os eixos mais relatados pelas professoras, e analisados por



perspectivas teóricas de autores como Maria Helena Souza Patto e Paulo Freire. Dessa forma, foi possível avaliar a qualidade da experiência das professoras.

Essa forma de análise de conteúdo permitiu compreender similaridades e particularidades dessa modalidade de ensino. Abaixo segue a Tabela 1, com as características das instituições de ensino de cada participante.

Tabela 1- Características das entrevistadas

	Escola	Ano	Tipo de ensino	Nº de alunos
Entrevista L.G.	Particular	4º	Aulas síncronas - Zoom	16
Entrevista J.B.	Pública	1º	Blog da escola e whatsapp	22/25
Entrevista S.G.	Pública	3º	Vídeo aulas e whatsapp	14/30
Entrevista T. S.	Particular	4º	Aulas síncronas - Zoom	29/31

Fonte: autoria própria



4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os relatos de experiência das quatro professoras entrevistadas explicitaram questões que transformaram suas rotinas e a forma de conduzir o aprendizado das crianças. A mudança nas dinâmicas de trabalho e o ensino a distância trouxeram novos desafios e possibilidades que foram abordadas de diferentes formas de acordo com o viés de cada Instituição, havendo diferenças observáveis entre escolas públicas e privadas.

Quando convidadas a falar a respeito do primeiro contato com o ensino remoto, a resposta das professoras foi unânime quanto à surpresa e o despreparo enfrentados no primeiro momento. As dificuldades em lidar com as tecnologias e se adaptar às plataformas digitais, além de reformulação dos conteúdos programáticos para que pudessem caber nos novos métodos de ensino online, surgiram em todas as entrevistas. A troca de informações e compartilhamento de experiências entre colegas mostrou-se uma ferramenta importante para a adaptação das professoras a essa nova realidade.

O primeiro contato das professoras com o isolamento social que instaurou o ensino remoto, foi atravessado pela surpresa e os desafios práticos e emocionais impostos pelas adversidades do ensino remoto. Do ponto de vista psicológico, as professoras compartilharam momentos de ansiedade, solidão e sofrimento vivenciados em meio às tentativas de adaptação a esse novo contexto social e educacional. A professora da Escola Pública J.B., afirma que se sentia "muito preocupada, muito aflita, pela dificuldade, a gente não sabia como ia ser o encaminhamento de tudo isso." Já no contexto das instituições privadas L.G. relata: "Quando começou eu fiquei com muito medo e pânico mesmo! Eu fui tentar me adequar a essa nova logística, fiquei muito cansada, fiquei depressiva e tinha vontade de chorar o tempo todo."

Não foi raro aparecerem nos relatos das professoras situações emocionais e técnicas que limitavam seu leque de atuação, causando angústia e sentimento de impotência com relação ao trabalho que poderia ser feito com os recursos tecnológicos escassos e heterogêneos em



meio a pandemia de Covid-19. "Sim, você vê como é difícil? Eu larguei a lousa e o giz para mexer nas teclas, e isso é muito difícil (risos), para mexer nas câmeras, né? Em tudo que eu não conhecia." (S.G).

Apesar de estarem vivenciando essa situação de uma maneira inesperada, o relato revela desafios da educação brasileira que já foram apontados por algumas pesquisas. Luciano Mendes aponta: "Hoje, talvez mais do que nunca, o professorado sabe que a "condução das novas gerações" implica um conjunto enorme de saberes e competências, continuamente explicitadas pelas políticas educacionais e pela literatura a que o professor tem acesso ao longo de sua formação e de sua atuação profissional. No entanto, ao mesmo tempo, as precárias condições de formação e trabalho e a baixa remuneração impedem que os docentes tenham acesso, de fato, a tais saberes e competências" (Filho, 2011). As professoras relatam a falta de assistência das escolas para aprender a utilizar as ferramentas necessárias para esse ensino remoto, além de terem que estruturar suas casas com recursos financeiros pessoais. Somado a isso, existe a pressão de continuar as avaliações com prazos estipulados, construindo um caminho para desgastes mentais intensos.

Analisando o discurso de cada professora entrevistada, podemos observar alguns eixos principais que foram comuns a todas as entrevistas e expressivamente abordados na fala de cada professora do Ensino Fundamental I. Um desses eixos está pautado na nova dinâmica que se constituiu na relação das professoras com a família dos alunos. Podemos observar na análise de suas falas que essa nova relação se estabeleceu como um facilitador mas também um dificultador do trabalho dependendo do contexto em que se manifestava.

Todas as professoras entrevistadas quando perguntadas a respeito das vantagens do ensino remoto, foram unânimes em responder que a aproximação com os pais e com as famílias dos alunos foi algo de bom que elas extraíram da experiência online, uma vez que agora elas se viam no dia-a-dia das famílias, acessando suas casas através da tela. A professora S.G. acrescenta que a relação com os pais melhorou por que o contato online facilita conversas que presencialmente eram impedidas pela rotina e logística de cada um "(...) a gente acabou conversando mais com os pais, porque, na verdade, ele não precisa ir até a escola, a gente conversa todos os dias, entendeu? Então, essa é a parte boa."



T.S, professora da rede privada de ensino, também percebeu o impacto positivo do seu trabalho no contato diário com as famílias das crianças, que presencialmente se limitava a algumas reuniões burocráticas de pais e mestres no encerramento dos bimestres "Uma coisa que eu achei muito bacana é que os alunos, eles se aproximaram mais e a família... foi assim a principal, deles eu senti um carinho muito especial. Na primeira reunião de pais (online), muitos pais estavam emocionados e agradecendo de coração, chorando, se emocionando porque não sabiam o que fazer com os filhos nessa pandemia, eles (os alunos) não viam a hora de começar a aula online para ter o contato com a professora e com os colegas."

Apesar da aproximação entre professoras e famílias, ainda foi possível observar a culpabilização das famílias pelos resultados insatisfatórios dos alunos. A despeito da grande influência da Psicologia Escolar crítica para a mudança da visão sobre o fracasso escolar, é possível perceber que ainda é resistente a crença de que o comportamento dos pais é um dos grandes fatores que explicam esse fenômeno. A culpabilização dos pais é prática muito comum, nas entrevistas realizadas. Três das quatro professoras falaram sobre um "abandono" parental, tanto afetivamente, como comentado pela entrevistada J.B., ou como uma forma de dar independência para os alunos, como comentado pela entrevistada L.G., em que os pais deixaram para as crianças a responsabilidade de acordar cedo, tomar café, ligar a aula online, e fazer as tarefas, sem supervisão.

A culpabilização dos pais já era muito forte na explicação do fracasso escolar, mas agora em contexto de pandemia, em que os pais mais do que nunca estão em contato com a rotina do aluno, e devido a imprevisibilidade do evento, tiveram que atuar como auxiliares no processo de educação, ajudando os alunos na transição do ensino presencial para o online. A questão da assistência ficou ainda mais evidente, principalmente para a faixa etária dos alunos das professoras entrevistadas, que têm entre sete e onze anos de idade.

Essa idealização da família e culpabilização remontam à teoria da carência cultural, vigente no início do século XIX, que apresentava uma visão estereotipada das relações familiares nas classes mais pobres, e o ambiente familiar como formador de 'crianças problema', e que ainda possui vestígios no pensamento dos profissionais e nas produções da área (Patto, 1999).



Além disso, a exposição gerada por esse novo modelo de aulas síncronas que exige um acompanhamento mais próximo dos pais durante as aulas para auxiliar os alunos, se mostrou em alguns contextos como ponto de dificuldade, fazendo com que as professoras mencionassem sentimentos de insegurança com relação a intervenção constante dos pais no acompanhamento de suas aulas. Essa angústia se expressa na frase de L.G. que diz "Então eu não dou mais aula só para o meu aluno, eu dou aula na realidade para família toda (...) assim, você não está mais ali só com o aluno, essa parte que eu queria te falar, você está ali com a família toda, cada um ali com seu feedback do dia e falando como deveria ter sido aquela aula que não foi, e eu tenho mais essa questão ainda com relação a isso."

Podemos completar o relato acima com a experiência de T.S. com relação às dificuldades encontradas no ensino remoto de crianças através de aulas síncronas diárias. "Então, é muita exposição, porque você está dando aula, os pais estão te vendo, tios, primos, a aula é gravada qualquer um pode ter acesso, então começou assim, bate uma insegurança né, uma vergonha, você está se expondo para todo mundo e isso pra mim foi um fator mais complicado."

É interessante observar que essa angústia apareceu preponderantemente na fala das duas professoras da rede privada de educação, e talvez esteja relacionada a cobrança maior dos pais por estarem pagando pelo ensino e que conseqüentemente é depositada sobre os professores como uma demanda por desempenho. L.G. chega a mencionar essa questão em um determinado momento da entrevista, afirmando que no ensino virtual essa cobrança é convertida para um reconhecimento dos pais sobre o esforço dos professores para lidar com essa situação adversa: "Porque se fosse presencial é aquilo que “eu tô pagando, eu quero assim, eu quero assado”. Já no virtual, eu acho que eles têm um pouco daquela relação de “nossa professora tá ali dando o melhor” sabe?".

Ainda trabalhando o eixo da relação das professoras com a família dos alunos, nos foi possível constatar através dos relatos que as duas professoras de Escola Pública entrevistadas não realizavam aulas síncronas com seus alunos. Essa questão foi colocada como dificuldade pelas professoras, uma vez que, por não possuírem um horário fixo e delimitado para se reunirem com os alunos, acabavam por ficar o dia inteiro disponíveis por WhatsApp para conversarem com os pais, tirando dúvidas a respeito das atividades que elas enviavam



diariamente e que eram equivalentes aos conteúdos que os alunos deveriam aprender naquela semana.

Todas as participantes da pesquisa relataram sobrecarga de trabalho durante a pandemia de Covid-19, tendo em vista que o aprendizado de novos métodos para entregar conteúdo de qualidade para as crianças de forma remota, por si só, já é muito desgastante e demanda tempo extra que extrapola a carga horária contratual.

Porém, as professoras da rede pública de Ensino, por não possuírem diretrizes de padronização dos horários de aula, precisaram ficar de prontidão para responder as dúvidas escolares a qualquer momento do dia que os pais estivessem disponíveis para realizar as atividades com as crianças, como podemos observar no relato de J.B.

"Está muito cansativo, porque eu entendo que os pais, eles não têm um horário, porque eles trabalham e quando chegam do trabalho eles vão fazer as atividades com as crianças. Então eu começo a atender às 7 da manhã, às vezes é 22 horas da noite e eu estou recebendo atividade. Então eu não tenho aquela coisa de falar para o pai assim "Ó, eu vou atender até certo horário" porque eu entendo o lado deles também. Então, para mim está muito cansativo, o preparar, as atividades nem tanto, porque isso já faz parte da nossa rotina. Mas ao receber atividade, às vezes você está na sala, você está fazendo a janta, você está em um outro ambiente, aí você tem que voltar, registrar lá no seu caderninho o que cada um entregou, né? Então, assim, está muito cansativo."

Em meio a essa perspectiva de sobrecarga de trabalho, exposição e dificuldade em trabalhar com as tecnologias e se adaptar a esse novo contexto educacional, as professoras se viram frente ao desafio de conciliar o isolamento social com um trabalho que demanda contato constante e de qualidade, que é a transmissão do saber.

Dentre as principais dificuldades encontradas pelas docentes está o desafio em mensurar o aprendizado dos alunos, uma vez que o ambiente virtual não fornece as ferramentas necessárias para que o professor possa de fato avaliar se um aluno está aprendendo ou não. Essa insegurança de forma expressiva nas professoras de Escolas Públicas, que por falta de aulas síncronas, não tem a possibilidade de interagir em tempo real com as crianças e perceber se o conteúdo transmitido estava de fato sendo absorvido.



"É difícil, para mim, cobrar deles um retorno, assim, a nível de aprendizado, entendeu? Porque é muito remoto esse contato. É assim, eu não sei se é ele mesmo que faz, ou ele faz tudo correndo para depois mostrar no dia, entendeu? Isso é o contra, eu não sei se o aprendizado está acontecendo." (S.G.)

As professoras também revelam certa preocupação em não terem garantia de que foi o aluno e não o pai que fez as atividades ou provas que são entregues de forma virtual, dificultando mais ainda a avaliação do aprendizado dos discentes.

"Eu acho que o rendimento acadêmico não é 100% como seria presencial (...) porque se você está em casa, acaba pedindo para o pai ajudar.... aí tem a época de avaliação de aluno, foi ele que fez avaliação? É online, o que me garante que foi ele quem fez?" (L. G.)

Apesar de algumas vantagens do ensino remoto elencadas pelas professoras, percebemos uma unanimidade nas respostas com relação ao desejo de retomarem as atividades presenciais, seguidas de reflexões acerca do que elas acreditam que será diferente daqui pra frente. "A minha vontade é que volte tudo ao normal, sabe? Porque eu, como professora, como pedagoga, não consigo enxergar ensino nessa distância, o meu foco é próximo, do "Olho no Olho" de estar ali naquela prática." (L. G.)

As "lições" da pandemia que ficaram para elas no contexto do trabalho com educação, estão relacionadas aos aprendizados com o manejo das tecnologias e principalmente ao maior reconhecimento dos pais dos alunos quanto ao trabalho realizado pelas professoras, agora que eles tiveram a possibilidade de acompanhar o processo de perto, como afirma a professora T.S, "Eu acho que as famílias vão ter um olhar diferenciado para o nosso trabalho, acho que eles vão ter um pouquinho mais de compreensão de como a gente se esforça para dar o melhor para os filhos deles".

Além disso, as docentes relataram sentimentos de maior valorização tanto de alunos quanto de professores, de cada momento presencial em sala de aula, em que eles podem desfrutar, principalmente da presença e carinho uns dos outros, que segundo elas, é fator essencial e complementar a aprendizagem.

Um outro fator, que aparece apenas no discurso das professoras de escola públicas, é o incômodo causado pela necessidade de atribuição de notas por parte do estado, graças à política de Progressão Continuada do governo do Estado de São Paulo. S.G. tocou no assunto



várias vezes durante seu discurso, contando que teve que atribuir notas às crianças que não acompanharam as atividades. Relatando o caso, ela diz: “E eu vou ter que dar nota para essas crianças, porque eles receberam esse material, porque o Estado não quer que eles fiquem com vermelha (nota). É isso, isso aí eu não concordo com a educação”. É possível perceber o desconforto na fala, e a forma como a política de progressão do estado atua como fonte de sofrimento por parte da professora.

Outro ponto presente nos discursos dessas professoras é a grande quantidade de reuniões e atividades burocráticas cobradas, que são ressaltadas como fonte de cansaço e desgaste no contexto da pandemia. De acordo com a J.B. as reuniões são cansativas, principalmente, porque os professores podem ter mais de duas reuniões em um único dia, e receber informações que muitas vezes já possuíam. Segundo ela: “São informações que não acrescentam muito, mas que se tornam cansativas”. Destacando, ainda, essa problemática, S.G. afirma: “O que se cobra na escola é papel para preencher. Se o aluno sabe, se ele não sabe ninguém quer saber, eu quero saber, mas é papel que eu tenho que preencher”.

Relacionando o cansaço das tarefas, a frustração de não conseguir fazer com que os alunos aprendam e a evidência da Progressão Continuada, é possível compreender melhor o sofrimento nos relatos. De acordo com Viégas (2007), a Progressão Continuada, além de não conseguir solucionar os problemas de escolarização, deu continuidade ao sentimento de impotência dos professores e à lógica de culpabilização dos alunos e das famílias. Através de sua pesquisa, a autora relata que o trabalho docente tem sido realizado em meio a um mal-estar, e em uma situação de angústia e impotência que é catalisada pela emergência dessa política. A produção de Viégas (2007), além de convergir com os relatos descritos nesse trabalho, pode também servir como base para pensar em como esse sofrimento pode ter sido ampliado no contexto do isolamento social.



5 CONCLUSÃO

Apesar de ter-se constituído diversas discussões sobre a educação, principalmente após a ditadura militar, algumas questões ainda se colocam muito presentes. Autores como Paulo Freire “denunciava o modelo de ‘educação bancária’ existente na escola regular, discutia a concepção de cultura e de cultura popular e apresentava a ‘dialogicidade’ enquanto essência da educação como prática da liberdade” (Freire, 1981 *apud* Souza, 2018).

Como é evidenciado no relato, o ensino ainda continua com algumas características dessa “educação bancária”, “tenho 20 minutos para cada matéria” (L.G.), os conteúdos não se dialogam, exige-se uma produtividade dos professores, dos alunos. Não se questiona o fracasso ou sucesso escolar, o aluno neste contexto de pandemia resolverá as questões, sem que as professoras saibam se houve a apropriação do conhecimento. No ano seguinte, se houver uma defasagem, ela será de responsabilidade da escola ou do aluno (como usualmente é apontado)? Assim, a proposta de uma prática mais crítica tem como objetivo reestruturar e compreender “a queixa escolar não como mero reflexo de problemas emocionais, mas sim como fruto das relações escolares e rever o processo diagnóstico e seus instrumentos de avaliação (...)” (Souza, 2009, p. 181).

A necessidade de se finalizar um ano letivo com essas pontuações indicam que a educação ainda é produtivista. Retomar o ensino apenas quando houvesse um treinamento adequado da equipe de docentes, um investimento institucional da estruturação do ensino, um preparo familiar para que acompanhassem os alunos de séries mais novas, exigiria tempo; entretanto, isso seria antagônico ao cumprimento dos conteúdos da série escolar e das metas anuais. A professora demonstra isso através de sua fala “ No futuro quero uma escola de alunos mais pensantes” (L. G.).



Podemos concluir que a qualidade do ensino caiu, assim como a qualidade do trabalho das professoras nesse contexto pandêmico. O relacionamento familiar, em contrapartida, foi uma construção positiva nesse mesmo contexto.

Foi observado, além disso, divergências entre o ensino público e privado, apontado que o acesso à educação não é democrático, sendo a pandemia um acontecimento que aumentou a dificuldade de acesso. Nesse sentido, pode-se afirmar que o pensamento de Souza (2018) se apresenta como necessário para repensar a educação pós pandêmica, afirma que a atuação educacional: “deve ser pautada no compromisso com a luta por uma escola democrática, de qualidade, que garanta os direitos de cidadania a crianças, adolescentes e profissionais da Educação. Esse compromisso é político e envolve a construção de uma escola participativa, que possa se apropriar dos conflitos nela existentes e romper com a produção do fracasso escolar.”



6 REFERÊNCIAS

Behar, Patricia Alejandra. O Ensino Remoto Emergencial e a Educação a Distância. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2020. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/coronavirus/base/artigo-o-ensino-remoto-emergencial-e-a-educacao-a-distancia/#:~:text=Podemos%2C%20portanto%2C%20dizer%20que%20o,as%20atividades%20escolares%20n%C3%A3o%20sejam>>. Acesso em 14 de Dezembro de 2020.

Chagas, Elisa. DataSenado: quase 20 milhões de alunos deixaram de ter aulas durante pandemia. Agência Senado, 2020. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/08/12/datasenado-quase-20-milhoes-de-alunos-deixaram-de-ter-aulas-durante-pandemia#:~:text=Entre%20os%20quase%2056%20mil%C3%B5es,n%C3%A3o%20possuem%20acesso%20%C3%A0%20internet>>. Acesso em 14 de dezembro de 2020.

Filho, Luciano Mendes de Faria. (2011). 10 Desafios da educação brasileira contemporânea: construindo um presente possível. *Parc. Estrat. Ed. Especial. Brasília-DF*; v. 16, n.32, p. 493-509. Jan-Jul. Acesso em: 22 de novembro de 2020. <http://seer.cgee.org.br/index.php/parcerias_estrategicas/article/viewFile/461/442>.

Lima, Cristina Maria Garcia de; Dupas, Giselle; Oliveira Irma de; Kakehashi, Seiko. (1996) Pesquisa Etnográfica: Iniciando sua compreensão. *Rev. Latino- Am. Enfermagem*. Jan (21-30). Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11691996000100003&lng=en>. <https://doi.org/10.1590/S0104-11691996000100003>>.

Njaine, Kathie; Minayo, Maria Cecília de Souza. (2003). Violência na escola: identificando pistas para a prevenção, *Interface - Comunic, Saúde, Educ*, v.7, n.13, p.119-34. Acesso em: 22 de novembro de 2020.

Patto, Maria Helena Souza. (1999). *Produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Psicologia Histórico-Cultural : interfaces Brasil-Cuba. 1ed. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá - EDUEM, 2018, v. 2, p. 19-35.



Souza, Marilene Proença Rebello de. A perspectiva crítica em Psicologia Escolar e possíveis aproximações com a Psicologia Histórico-Cultural. In: Guillermo Arias Beatón; Marilene Proença Rebello de Souza; Sonia Mari Shima Barroco; Tania Suely Brasileiro. (Org.).

Souza, Marilene Proença Rebello de. (2009). Psicologia Escolar e Educacional em busca de novas perspectivas. *Psicologia Escolar e Educacional*, 13(1), 179-182. <<https://doi.org/10.1590/S1413-85572009000100021> >. Acesso em: 20 de novembro de 2020.

Viégas, Lygia de Sousa (2007) In SOUZA, B.P. (Org.) Orientação à Queixa Escolar. São Paulo: Portal de livros abertos da USP, 2020. 1ª. ed. p.p. 307-328 E-book.



7 ANEXO I

Questionário semi - estruturado utilizado para entrevista das professoras

Abaixo, seguem as perguntas norteadoras da entrevista:

Como está sendo realizado o ensino a distância na instituição que você leciona?

Quais são os prós e contras que o ensino a distância oferece?

Quais as maiores dificuldades encontradas?

Quais medidas seriam necessárias para tornar essa experiência melhor para os professores?

De um modo geral, como você tem se sentido com o ensino à distância?

Em relação aos alunos, como você percebe que tem sido o aproveitamento?

Como você avalia a assistência da instituição de ensino em que trabalha? (É tipo como a pessoa julga o apoio da escola gente, não sei se consegui formular direito perdão)

Qual a sua história com a educação?

Quais as lições e aprendizados que ficaram desse período de pandemia e ensino remoto para a educação, de acordo com a sua experiência ?